

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO V

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 25

São Paulo, Março-Abril de 1959 — Caixa Postal, 1304

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

DEFININDO DOUTRINAS

Sobre doutrina política, toda elocubração teológica e filosófica — acervo de princípios em si mesmos verdadeiros — torna-se de facto inoperante e sob certos aspectos meramente abstracta, quando se não incarna em a vivência sociológica e histórica de cada nação real a que se há-de necessariamente aplicar.

Em si mesmo, teoricamente, concebe-se indiferente o ser monárquico ou republicano um estado indeterminado, indefinido.

Porém, na realidade (sociológica e histórica) não é de modo algum indiferente que, por exemplo, à Espanha, Portugal, França, Inglaterra OU AO BRASIL se imponha a forma republicana contrária e até oposta à sua vivência real, à sua INCARNAÇÃO histórica, à sua maneira-de-ser, à sua Tradição.

E isso, bem o reconheceu Leão XIII na encíclica *Diuturnum*.

Assim pois, quando um "pretens" doutrinador católico, com ares por vezes dogmáticos, esposa a tese contrária, se torna "in concreto" totalmente aberrante e falso, deservindo a tese da Igreja que éle ignaramente presume afirmar, porquanto desconhece ou finge desconhecer condicionamentos e circunstâncias reais, o *hic et nunc* determinante de cada caso específico. Agrava-se-lhe a presunção, numa época tão atreita à pesquisa do social e do real com tôdas as suas luminosas decorrências políticas.

Isto pôsto, não de balde procuram os republicanos astutos e desleais descobrir tradição republicana "até em motins de capoeiras" para a nossa Pátria, felizmente imune de tal sinistra praga em seu passado, pois os conluios iluministas e movimentos de mações internacionais sediciosos desde a Inconfidência, 1817, 1824 e outros, nada possuem da nossa unitária brasilidade imperial intangível.

Então, malogrados êsses sectários na busca inútil de verdadeira e objectiva tradição republicana autêntica, deformam a História, seccionam-na esquivando a fidelidade monárquica trissécular do Brasil-Provincia, criam fantasmas inconsistentes.

Ora pois! Se Tradição não tem importância, por que as inventam falsas os republicanos, impingindo-as às escolas e empestando livros, veneno para incautos?!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

A MONARQUIA era e é boa, embora também nela haja homens maus.

A REPÚBLICA era e é sempre má, embora nela haja também homens bons.

Quer dizer: A Monarquia é essencialmente boa, ao passo que a República é essencialmente má.

SERMÃO AOS CEGOS E AOS SURDOS

Um apêlo ao glorioso Exército Nacional

"O governador do Estado assinou ontem decreto nomeando o sr. Fausto Carlos, actual secretário da Saúde, para exercer em estagio probatório, o cargo de director, padrão Z-3, lotado no Departamento de Assistência a Psicopatas, da própria Secretaria da Saúde." (Correio Paulistano — 30/1/59).

Frutificara o mau exemplo! Realmente, o senhor governador do Estado nada mais fez, neste caso, do que repetir o que o seu antecessor fizera, ao nomeá-lo, antes das eleições de 3 de outubro p. p., ministro do Tribunal de Contas. Ainda está bem viva em minha lembrança o nojento caso. O actual governador de São Paulo solicitara demissão do cargo de Secretário da Fazenda, a fim de tomar posse do cargo de ministro. A seguir, depois da posse solene, solicitara licença deste cargo, e, em questão de poucas horas, fêra, novamente, nomeado Secretário da Fazenda, cargo este que ocupou até o seu afastamento, para se candidatar à governança do Estado, para a qual, afinal, foi eleito em 3 de outubro. Foi uma manobra enlameada, executada sem o menor resquício de pejo por parte de qualquer das duas figuras — exponenciais figuras — da política nacional.

Se êstes dois homens, considerados, com acerto ou sem êle, não importa, os mais honestos do cenário político nacional, fizeram esta ação deprimente, com a cara mais deslavada deste mundo, imagine-se o que não farão outros, cujo conceito em que são tidos é o de desonestidade.

A conclusão que se impõe é de que o país está entregue à mais nojenta, desbragada e desenfreada pilhagem!!!

X X X

Senão, vejamos:

"Confirmando notícias por nós divulgadas sobre a nomeação de deputados que não conseguiram recolger-se a três de outubro, para cargos na própria Assembléa Legislativa — o "Diário Oficial" deverá publicar, hoje, ato da Mesa nomeando os srs. Pinheiro Júnior e Osni Silveira para o cargo de assistente técnico (Cr\$ 33.000,00) e o deputado José Forzeira Keffler director de Divisão (Cr\$ 31.000,00).

Outros deputados não recolhidos deverão ser nomeados em vagas decorrentes de aposentadoria de funcionários do Poder Legislativo." (Correio Paulistano — 6/1/59).

"Recife, 14 (Aspress) — A Assembléa Legislativa nomeou novos altos funcionários, deputados que não conseguiram recolger-se. São os seguintes os nomeados: Dadalberto Guerra, Sousa Andrade, Erson Maranhão e Emílio Cavalcanti. Divórcios políticos da situação actual foram

TRADIÇÃO

A MONARQUIA é tradição brasileira: — Império Brasileiro!

A República é tradição... norte-americana: Estados Unidos... do Brasil (?).

Família nenhuma pode viver decentemente, honradamente, com tradições de... outra família.

Felizmente, "Deodoro" explodiu duas vezes: é facto simbólico...

BRASIL e MONARQUIA são necessariamente solidários como corpo e alma. Assim como sem alma não há homem, sem Monarquia não há Brasil verdadeiro.

MONARQUIA PROTESTA CONTRA A AMEAÇADORA TIRANIA PEDAGÓGICA MAÇÔNICA E SOCIALISTA, TRAMADA VELHACAMENTE PELOS "DONOS" DA REPÚBLICA E INIMIGOS DO BRASIL.

também nomeados para esses altos cargos, inclusive o atual secretário de Segurança, Everaldo Guerra.

Esperam-se novas nomeações, embora os estudantes continuem protestando contra o "testamento" (A Gazeta — 14/1/59).

Quantos festejamentos, iguaisinhos a esses, não foram perpetrados contra a Nação, por esse Brasil a fora?

O jornal "O Estado de São Paulo", de 30 de janeiro, em telegrama de Recife, via Western, relata o escândalo dos próprios interessados (700 nomeações), usando máquinas requisitadas de outras repartições (isto se passou na secretaria do governo), batendo à máquina as suas próprias portarias de nomeações, tal era o "cansaço que se apressara dos funcionários já contratados (sic)". Além disso, foram obrigados a enviar, pessoalmente, à Imprensa Oficial, os seus títulos, tal a pressa em se verem nomeados pelo "testamento", no apagar das luzes do governo que deixava e "isso" para que os outros, que breve se apressariam dele, não tivessem muito que rir...

Em São Paulo, como ailleurs, segundo relato dos jornais, deu-se coisa semelhante. Chafurdaram-se os "porcos" no "milho" que nunca chega...

X X X

O avança geral, entretanto, não fica nisto. Os deputados federais e estaduais, os senadores e os próprios vereadores, por esta limenta "casa da sogra", que é a República e por força da "desordem organizada" que, em última análise, é a instituição política republicana que vem nos desgovernando há 70 anos, desavergonhadamente, despedidamente, têm dado o exemplo aos governantes, ao legislarem "em causa própria", aumentando-se a si mesmas os ordenados, além de se atribuírem verbas no orçamento, para a seu exclusivo alvedrio distribuírem por instituições de caridade (?!?!?), como clubes de futebol e outros que tais, com os quais arranjam votos para se recolgerem nas próximas eleições (há, sempre, uma próxima eleição; elas se repetem, como pragas, quasi todas os anos...), dando a mais ísto roubo o pomposo título de "verbas pessoais" dos senhores "sobres" deputados!

Estranha "nobreza" esta! O IMPÉRIO honrava com a nobreza os grandes homens que o serviam. A República "enobrece" os ladrões!!!

Até quando, ah! imundos politicoides republicanos, abusareis da nossa paciência?

X X X

Que fax o exército de Caxias, que não toma uma providência contra estes assaltos à Nação? Por nada, por absolutamente nada que se compare a isto, derrubou o IMPÉRIO que há mais de 50 anos servia e engrandecia a Nação.

Que exorcis, oh! soldados do glorioso Exército Nacional, para repórdes o país nos trilhos dos quais o apocates, (pelo crime de alguns

dos vossos maus chefes ocasionais, em 15 de novembro de 1889), tristemente para que os aproveitadores embaçados pudessem fazer o que há 70 anos vêm fazendo a dano da Nação, que a tudo assiste "estupificada" e que não podiam fazer no IMPÉRIO, porque a "ditadura da honestidade" de Pedro II, não permitia que fizessem?

Que esperais, à defensoras da Pátria ultrajada e empobrecida, para defendê-la de seus inimigos? Pensais, porventura, que se são inimigos os estrangeiros que a invadirem e atacarem com armas nas mãos? Não, soldados defensores do Brasil! Não, soldados impolutos de Caxias! Inimigos, também são os republicanos que a desgastam diariamente com o desgoverno da causa pública; com o saque, o roubo e o perdidão do gasto dos dinheiros públicos; dos impostos que todos nós pagamos, direta, ou indiretamente, não importa, porque sempre os pagamos com a suor de nossos rostos; com a destruição maquívica e traidora das lavouras nacionais; do câmbio; pela destruição dos valores da exportação, que representa o trabalho sagrado de nosso povo; com a desleixada e criminosa perda de mercados que sempre receberam com agrado as nossas mercaderias; pela criminosa permissão de importações que nada mais são do que imensas e fúteis "negociatas"; pelo cercoamento, através de impostos escorchantes e iníquos e pelo asfixiamento através da dura fiscal que exerce, indistintamente, sobre o comércio, a indústria e a lavoura de honestos brasileiros enquanto, através de dispositivos especiais do Imposto de Renda e de canalhas portarias da Sumoc, feitas por evidente encomenda, dão mãos largas à indústria e ao comércio estrangeiros, que aqui se instalam gozando favores que não são concedidos aos implorantes nacionais, para que, com essas válvulas, possam sugar a nosso sangue, os últimos dólares e os últimos cruzetiros, a que a incúria e a traição dos governos republicanos reduziram, em 70 anos, a pátria grandiosa e a grandiosidade econômica do gigante Brasil Imperial!

Que esperais, à defensoras do Brasil? Que o Brasil se esfalece? Que o Brasil seja destruído? Que o Brasil se reduza a repubblicotas medíocres e possessões dos imperialistas, unssitas ou anti-unssitas, ambos deshumanos imperialistas? Se então tomareis uma tardia atitude em defesa dos sacrossantos, ameaçadíssimos e tripudiados interesses do Brasil?

Se quiserdes salvar o Brasil, como é de vosto dever, não perais tempo. Enquanto é possível, ponde — como única e última tábu de salvação nacional — no trono de seus antepassados, a D. Pedro Henrique de Bragança, D. Pedro III., para que a Pátria agradecida, de joelhos, vos abençoe, na maior e melhor de todas as homenagens que podem receber! Tereis honradez, mais uma vez, a vossa farda! Tereis dignos soldados do Grande Brasil!

Soldados de minha terra! Sentido!
O Brasil espera que cumprais vosto dever!
Glória!

José de OLIVEIRA PINHO

Nos Campos da História Contemporânea. O Patrianovismo há quase trinta anos

A título de informação à nova geração, reproduzimos da nossa antiga folha "Pátria-Nova" o artigo seguinte, publicado em agosto de 1931:

PÁTRIA-NOVA PROTESTA CONTRA O "SILÊNCIO"

Carta enviada pelo Conselho Imperial Patrianovista ao diário "A RAZÃO" e publicado nessa folha a 4-7-31.

Exmo. Sr. Redactor d'"A RAZÃO" (Plínio Salgado)
Glória à SS. Trindade!

Foi com todo o interesse de nacionalistas integrais que nós, os Patrianovistas de S. Paulo (quiza de todo o Brasil), e especialmente o Conselho Imperial Patrianovista, seguimos os magníficos artigos que, sob a epigrafe geral de "A NOTA POLITICA", "A RAZÃO", vem publicando. (1)

Confessamos, Exmo. sr. Redactor, o nosso justo desapontamento quando V. Excia. ou quem redigiu a memorável série de artigos a que nos referimos lançou estas palavras no último artigo dos nomeados (A Missão de S. Paulo):

— Por que se cala a voz de S. Paulo? Onde estão seus intellectuais, seus juristas, seus filósofos, seus sociólogos, seus técnicos? Por que não falam? Por que não agitam a opinião brasileira? Por que não iniciam a "FORMAÇÃO DE UMA CORRENTE DE PENSAMENTO POLITICO?" (grifo nosso).

Mais: ponde de parte aquela série, também se diz no artigo "O horror das responsabilidades", publicada a 1.º-7-31 nessa folha, o seguinte:

— "Ninguém quer doutrinar. Ninguém quer expor uma opinião, uma idéia, um programa. Todos esperam. Mas que esperam?"

Ora, sr. Redactor:

Quem quer que esteja seguindo com amor a vida política brasileira sem atender para a inexpressividade do immediatismo que nos tem arrui-

nado sabe que, desde 1928, existe no Brasil, irradiando-se da Cidade de São Paulo, a Ação Imperial Patrianovista, obra do PATRIA-NOVA (centro monarquista de cultura social e politica), cuja revista "Pátria-Nova", divulgadora do movimento (agora jornal), appareceu pela vez primeira a 13 de setembro de 1929, dia do 20.º aniversário do Herdeiro do Trono do Brasil, S. A. I. Dom Pedro-Henrique de Orleans-Bragança. Explicando, dizia a revista que "Pátria-Nova" é uma associação que tem por fim firmar nos associadas a consciência verdadeiramente nacional da Raça e da Pátria Brasileira, à luz de uma TEORIA POLITICA em harmonia com a tradição nacional e as ciências sociais", dando ao mesmo tempo o "Programa do Patrianovismo", constante de 7 artigos que totalizam as necessidades da Pátria Imperial Brasileira.

E, se na "Nota Politica" se fala de missão histórica, apresentamos-lhe, sr. Redactor, estas mesmas palavras no artigo "Por que PATRIA-NOVA?", que inaugurava o nosso movimento cultural politico, hoje difundido por toda a Nação e reunindo uma grande mocidade cheia de Fé: — "Pátria-Nova, que era uma consciência de para observação e intuição... animou-se a vir à sua pregar, CONSCIA DA SUA "MISSÃO HISTORICA", a doutrina patrianovista que se irá pouco a pouco desenvolvendo dentro dos principios que adotou".

Está, por consequente, há três anos formada "uma corrente de pensamento politico", em moldes adotados ou não por V. Excia.; mas EXISTE! E isso basta para a consideração do verdadeiro sociólogo.

Nem se diga que passou despercebida a nossa corrente. Não! Para não citar os que, em todo o País, saudaram o nosso aparecimento ou atacaram o nosso "desafio de existir", lembraremos apenas o que em "O Jornal" do Rio, a 29-9-29, disse o sr. Tristão de Ataíde:

— "E' (o Patrianovismo) qualquer coisa de intencionalmente novo que nasce depois da proclamação da Republica... Vem trazer ao exame da realidade brasileira um contingente de definição, pode-se dizer indispensável. Vem trazer ao estudo de nossa politica um elemento doutrinator que há muito lhe falta (grifo nosso). E com isso, vem dissipar muito equívoco, na terminologia vaga e necessariamente ambigua dessas agremiações politicas efêmeras que se debatem hoje-em-dia, e que vão arrastando a nação à mais terrível das rupturas interprovinciais".

Comentando a um jornal paulistano que de nós falou, disse "O Estado do Rio Grande":

"Em que pese a alguns fanáticos adoradores dela, a República não adquiriu ainda suficientes títulos para se fazer amar, enquanto a Monarquia conserva ainda o prestígio de um passado glorioso, em que resolveu alguns dos mais graves problemas da nacionalidade. Não consideramos, pois, desvirtuado de importância o movimento monárquico denunciado pela folha paulista" (grifo nosso) — maio de 1930.

Tal comentário honra a lealdade dos republicanos gaúchos.

Não lhe citarei mais nada, sr. Redactor, porque V. Excia. ama a justiça e não no-la fará pela razão da quantidade dos que no-la têm tanta sem no-la deixará de fazer pelo número dos que a nós a negaram, que foram muito mais, como o distomas no 1.º vol. de nossa revista, p. 111: — "Nem todos nos compreenderam, grande numero fingiu desconhecer-nos, e muitos nunca nos aceitarão. A verdade é e apesar dos contraditores e dos covardes".

Uma só coisa nos força, pois, a escrever a essa Redacção: a justiça e verdade que deve reger a história que se processa em nossa Pátria. E' verdade que, antes de mais nenhuma, uma voz se ergueu nesta solitíssima Cidade de São Paulo para falar ao Brasil pelo Brasil Imperial. Foi a voz de PATRIA-NOVA em 1929, voz que fala ainda e é ouvida com amor e ansiedade por milhares de Brasileiros.

Agradecendo a atenção que V. Excia. dá a estas, somos de V. Excia. Am.º C.º A.ºder — ARLINDO VEIGA DOS SANTOS — chefe geral de PATRIA-NOVA — em nome do Conselho Imperial Patrianovista.

Cidade de São Paulo, aos 2 de julho de 1931".

(*) Nesse tempo era o Patrianovismo o único movimento nacional no Brasil. O "Integralismo" imitá-lo-ia mais tarde, aliás com a ajuda de patrianovistas (Nota actual).

A "CIDADE BRASIL"

A mudança da Corte para o centro do Império é antigo pensamento monárquico desde o tempo dos Reis portugueses.

Pátria-Nova, o único movimento original brasileiro desde 1824 e único monarquismo actual e actuante, consignou no 4.º artigo do seu Programa a fundação da Capital Imperial no planalto goiano já demarcado antes da imposição totalitária da república ao Brasil.

A essa cidade prevista chamou BRASIL o Chefe Geral Patrianovista em poema escrito em março de 1924, faz agora 35 anos. E' uma profecia que se cumpre, do poema "Satanás", publicado em julho de 1932 pelo autor, para animar os desesperados.

De que modo estraga a república as coisas óptimas pode o leitor ver no artigo do correligionário Jarbas Jayme transcrito neste número.

"Maktub"! Tinha de ser feita a nova capital do próximo Império. Realizar-se-á totalmente a profecia na hora de Deus, queiram ou não os cupins republicanos, os trapalhões, os invejosos, os aproveitadores que atribuem a si tudo quanto aprenderam dos outros...

Bem ou mal, não importa que a república vá fazendo "coisas nossas". E' uma homenagem à verdade nacional e geopolítica patrianovista. Muitos outros arremedos ela já tentou, fracassando.

Seja a cidade Brasil ou Brasília uma realidade com seus ladrões e tudo mais!

"Isso" será resolvido depois implacavelmente.

Não tenham dúvida.

NOTAS

"MEA CULPA, MEA CULPA, MEA CULPA..."

Apesar de tudo...

Se as lamúrias partissem somente de nós, monarquistas, restaria ainda uma desculpa com que se poderia pretender desculpar a república. Entretanto, a defesa pessoal daquelas pessoas que se dizem republicanas, obriga, felizmente, a denunciar as mazelas, pois seria demasiado simétrico negar uma realidade por demais viva e causticante.

Como muito bem assevera Spengler, o autor de A Decadência do Ocidente e outras obras notáveis, nenhum argumento pode invalidar o que é certo. A razão disto é notória: as palavras têm um valor irracional, servem para designar uma realidade. Se, todavia, aquilo que distamos, não tem nenhuma realidade, são sonhos vãos que se originaram em algum "côco" visionário e sonhador, — tudo o que se disser vai à água abaixo, não tem valor algum.

Todavia, em política principalmente, se passam muitas moedas falsas, graças à ingenuidade e boa fé de muitos. E' esta uma história semelhante às muitas outras que pululam por aí e são casos de polícia. Embora guardando algumas formas diferentes, na realidade, no fundo, como se costuma dizer, é a mesma história de malandragem, do "bilhete premiado", etc. etc. Só que não há polícia para prender políticos republicanos, pois eles têm a chamada "impunidade parlamentar" sob a denominação pomposa de "imunidade". Ora, o que tem sido, no Brasil republicano, a decantada "imunidade" senão uma "impunidade"?

E depois de tudo isto, ainda há gente que é capaz de criar na arenga dos republicanos: "Apesar de tudo, a república é a melhor"... Ora, ora! Para quem é melhor?

Mas, como dizíamos acima, não somos nós, os monarquistas, os vingadores. Não usamos desta linguagem. Política, para monarquista, não é fútrica nem afronta injuriosa. Política, para nós, é arte e ciência, portanto, exige estudo e prática, despendimento e prudência, amor à glória e não espírito gozador e aproveitador; é encargo e não cargo; é responsabilidade e não velhacaria, deslealdade, fuga à responsabilidade.

Mas, para sorte dessa má sorte, os republicanos têm necessidade de denunciar o mal, pois isso quase nada influi, desde que se defenda o princípio do mal, aquela fonte de onde promanam todos os males. E isto é unânime nos nossos governantes (ou melhor, escorchantes: visto nada fazerem senão isso mesmo).

Vejamus algumas denúncias, feitas pelos mesmos, através de um (só um, do contrário iríamos longe) jornal diário, de carácter noticioso:

— ... O alto custo de vida é resultante da crise inflacionária pela qual passamos, e que parece não ter fim, em vista da incompetência e do impatriotismo de nossos dirigentes... (Renato Kehl, da Assoc. Nacional de Medicina — Gazeta, 10-11-31).

— O povo se considera indefeso, na crise económica, pelo Congresso Nacional, Câmaras onde parece não ecoarem os gritos de S.O.S. de 90% da Nação. Desvirtuadas pela política de conveniência... já se distanciaram do sofrimento da massa.

— Poder (o chamado Poder Legislativo), que dia a dia perde contacto com o povo e age apenas em função da politicagem e dos interesses do camarilho.

— Espera-se algo da oposição. Mas a oposição vive atalada por dissídios... falha de bom critério e coerência.

Não raro, muitos elementos oposicionistas pactuam com a vontade da maioria, porque prevalecem no modo de comportar-se benefícios e vantagens fora das angústias do povo.

Utilitarismo prático a dizer alto a maleabilidade dos políticos, que, cá ou lá, seja qual for a trincheira, se colocam sagazmente, influídos pela habilidade de coadunação.

— Senadores impuseram majorações do aluguel de casa. Os deputados, embora houvessem decidido antes o inverso, mostram-se propensos a concordar com o absurdo.

— O desajustamento económico pede soluções rápidas. Tudo vai repercutir no Congresso, onde os mandatários do povo se assentam. Entretanto, é a mesma coisa como se nenhum rumor invadisse o plenário do Senado e da Câmara, pois a maioria permanece contrária a qualquer providência de melhorar a economia popular. Preços sobem com fúria e violência. Sobem para as classes desprotegidas. Não sobem para o feliz receptor de subsídios, que são verdadeiras fortunas.

— A integridade física do cidadão está ameaçada pela imprudência, e atrevimento dos motoristas (G. de Fleury).

Agora, dizemos nós: em tudo isto, o que vemos? Simplesmente isto: a incompetência da república e o seu carater precário, inadequado, como órgão de governo e a sua ilegitimidade, o que lhe tira o signo da autoridade.

Não é à-toa que o povo, desesperado pelo aumento constante de tudo, menos o salário, pois até o cafézinho que não tem razão para isso também subiu para 2,50, marchou para a assembléia e lá soltou suas diatribes contra os deputados, chamando-os de "gatunos, vagabundos", e convidando-os para uma "prestação de contas na praça". Alguns tentaram galgar muros, no que foram obstados pela polícia. Deputados houve, inclusive o Presidente da Assembléia e um "socialista", que se dirigiram ao povo. Todos foram rechastados. O povo não queria ouvir a ninguém com a pecha de deputado. Só pôde discursar um Major do Exército, com aplauso dos presentes. Estavam cansados e descrentes de tudo isso. Querem outra coisa que não homens. E, quando chegar a clamar por essa outra coisa, então, a república, que sempre se mostrou incompetente e incapaz de resolver coisa alguma, que se demita.

QUANDO AS RAPOSAS CANTAM A MESMA CANTIGA...

Você já ouviu raposa cantar?

Como assim?

Pois é, o povo chamou os deputados de vagabundos e gatunos. E foi um sururu danado. Ofensa à Majestade do Poder Legislativo, gritaram todos, todinhos, ouvindo?

E daí?
E daí, chamaram o povo de arruaceiro, que não tinha autoridade para representar a população de S. Paulo, composta de mais de 3 milhões.
Ora, e éles, quantos votos receberam para representar uma população de 10 milhões pra riba?
E' a lei...
Ora, a lei... A lei são 80 pacotes por mês, fora os extras.
Né... temos a liberdade... de ver, ouvir e calar. Do contrário... comunistas!

ORGIA COM O DINHEIRO DO POVO

12 generais vão ser promovidos a **marchais**, por decisão judicial. Enquanto isto tudo, reclamações sem conta de imprevidências administrativas. "Só nomeações, substituições, promoções"...

A MONARQUIA É...

A Monarquia é organicidade e responsabilidade. São emanações suas estas duas qualidades que lhe são próprias, como o pensar é função própria da natureza racional. Querer fazer isso em república é querer fazer o burro pensar e agir racionalmente. É como diz o ditado: ninguém dá o que não tem. O que tem pensamento, dá pensamento; o que tem burrice, dá burrice.

Ora, bem sabemos que o Estado, para desenvolver eficazmente suas funções, necessita de uma sólida estrutura orgânica e de uma precisa caracterização de responsabilidade.

Ora, o que é necessário para os fins do Estado, não se dispensa absolutamente; e, quando não há esse necessário, vai-se buscar onde ele exista.

A Monarquia Orgânica dará os meios de que o Estado carece, para realizar o bem comum, coisa de que a república é incapaz.

Na república, tudo cheira à soberania, para gláudio dos políticos, matreiros organizados em quadrilhas, que só reconhecem a sua soberania.

Assim, para o pobre do povo, o Zé Povo, tudo é soberano: Exército, Marinha, FAB., Poder Legislativo, Judiciário, Executivo, e até o Povo. Ora, onde todos são soberanos, mandam os bandidos organizados em quadrilhas e seitas. Enquanto isto, falta à Nação a unidade indispensável. Quem é soberano não está sujeito a ninguém, por isso que é soberano. Se o Poder está dividido em TRÊS, são muitos a mandar.

Eis o que diz a verdade:

1.º O Poder é uno, indivisível, soberano ou absoluto. Neste último sentido é que os reis eram tomados pelo nome de absolutistas, isto é, representavam a última palavra, a decisão final, pois, afinal de contas, a soberania também é na república. Os tiranetes republicanos quiseram dar a êsses reis, de quem têm verdadeiro medo, como o ladrão tem medo de sua vítima, um epíteto afrontoso. Assim, pensam denegrir a fama dos reis, cuja excelências não são suas, como de resto não são dos republicanos, mas da instituição. Porque, a bem falar, todos nós somos mais ou menos a mesma coisa, valemos pouco mais do que nada.

2.º Onde todos são soberanos, todos mandam e ninguém obedece, não há ordem possível.
3.º Enquanto o Monarca é o Chefe da Família Nacional e representa a unidade nacional, o Presidente da república é um delegado de partidos divididos entre si na mais ferrenha e mortal das lutas políticas. A Nação não tem unidade, ordem, nem paz e prosperidade, nem justiça e... o povo é quem leva bordoadas soberanamente...

Agostinho NABATIDES

Carta Aberta ao Senhor Presidente da República

(Do "O Anápolis", 20.11.1958, Anápolis, Goiás)

Senhor Presidente:

Hoje, que se comemora, em todo o território nacional, o sexagésimo nono aniversário da traição e da ingratidão de que foi vítima o Imperador Magnânimo, julguei oportuno exprimir o dever de endereçar-lhe algumas palavras.

Quando Vossa Excelência se candidatou ao alto cargo que exerce, eu me bati, com entusiasmo e destemor, por sua vitória. Animava-me a esperança de melhores dias para esse Brasil andrajoso e faminto, para esse Brasil pilhento, que vem sendo como que um "tipo de sua" para outros povos. Supunha eu que Vossa Excelência para termo a esse regime inflacionista que nos vem assolando e que se implantou neste rico País paupérrimo, faz, precisamente, sessenta e nove anos.

Antes do estabelecimento dessa "marmelada" que aí está, a libra esterlina nos custava 85890 e o dólar, 15830. Atualmente, Senhor Presidente, eu não sei quanto valem aquelas moedas, mas Vossa Excelência deve saber. Eu só sei que a nossa triste cruzeira nada vale.

Vossa Excelência sabe quais as causas da miséria e do descrédito em que se debate o Brasil; conhece bem a nossa burocracia, cuja máquina não funciona, sem amoralismo e sem "lubrificação". Mas a causa principal dos nossos sofrimentos, Excelência, são os desonestos, os descumpridores dos deveres, em uma palavra, a carja de ladrões que, com zarzifas e nobres exceções, exerce, impungimento, parcelas do poder público.

Desapareceu o escrúpulo moral. Estamos atravessando o período da inversão; o ruim ficou bom, e vice-versa.

Assassinar, roubar, saquear, furtar, desviar o dinheiro público, subornar e ser subornado, Senhor Presidente, são práticas que, de há muito, deixaram de constituir crime nesta terra devastada.

Em Brasília, Senhor Presidente, está, segundo informações de pessoas insuspeitas, a maior quadrilha de larpios, e quadrilha organizada. Ainda ontem, tive conhecimento de furto praticado por um agente de Vossa Excelência. Ouça, meu caro Presidente!

Certo negociante de material de construção contou-me que foi procurado por um dos graduados da Novacap, o qual lhe propôs u'a "marmeladaxinha".

— O senhor não quer fornecer-me uma fatura de material?

— Quanto leve eu na transação? interpôu o negociante.

— Metade, disse o graduado.

E a naturalíssima, a trivialíssima "transação" se efetuou. Sessenta mil cruzeiros custou ela, senhor Presidente, sessenta mil cruzeiros que saíram, em troca de nada, pois uma faturinha, ou seja uma tira de papel, nada vale. Sessenta mil cruzeiros que saíram do estômago vazio e faminto de muitos brasileiros.

"Transações" como essa, que é das pequenas, se realizam, diariamente, em sua Brasília, Senhor Presidente, em sua Brasília, que se transformou em sorvedouro de dinheiro da Nação.

Hoje, aniversário da adoção desse regime de escamoteação que aí está, disse-me um amigo, cuja austeridade é insustentável:

"Em Brasília, Jarbas, está instalada a maior "marmelada" do Brasil. Quer ouvir uma? Um motorista chega ali com o seu caminhão carregado

de material de construção e o oferece a um dos directores, a um dos chefes daquele sorvedouro. O negócio é feito, imediatamente, mas o governo paga 100 e recebe 50. Os 50 que o governo não recebe são divididos com escrúpulo, entre o comprador ladrão e o vendedor larpio.

E as "negociatas" de gasolina, Senhor Presidente? E os desperdícios, que atingem a 50% do material legitimamente adquirido, Senhor Presidente?

Brasília, Senhor Presidente, perpetuar-lhe-á o nome, nos fastos de nossa história, mas deixará o Brasil mais andrajoso e de muletas. Não pelo vulto da obra, mas pela rapinagem de grande parte de seus executores.

Disseram-me que Vossa Excelência tem conhecimento das patifarias de grande vulto que se vêm praticando, em Brasília, mas eu repeli a insinuação malévola, pois um homem de envergadura moral de Vossa Excelência não toleraria a continuação de tantas "marmeladas". Este convicção, Senhor Presidente, de que sua honestidade é considerada acima da menor suspeita; é considerada não apenas na acepção comum, que define sua escrupulosa conduta em face do interesse pecuniário, mas em vista da perfeição e do zelo com que superintende a coisa pública. Sim, porque se Vossa Excelência tivesse ciência de que ocorre em Brasília e em muitos outros pontos do território nacional, e não punisse os delinquentes, macularia o seu governo, com o desequilíbrio da justiça, decorrente de uma tolerância acomodaticia e cega, para não se dizer criminosa. Perdoar, indistintamente, Senhor Presidente, não é ser bom, justu magnânimo, é ser mau, injusto, fraco e patilânimo.

Estamos às bordas de um abismo, cuja profundidade é insondável. E, se Vossa Excelência não seber, como timoneiro experimentado, dirigir o barco que o povo, em boa hora, lhe confiou; se Vossa Excelência não procurar outra rota, precipitar-nos-emos naquele abismo.

O Brasil está podre e mal cheiroso, Senhor Presidente. O que aí está não resiste a um empurrão.

Somos um povo que, além de paupérrimo, perdeu a autoridade e a confiança.

Só se ouvem os gritos da miséria e da fome, da penúria e da carestia. E o tropejar da bancarrota essa catástrofe que ameaça?

Até os espíritos varonis tremem de pavor, perante os grandes infortúnios coletivos.

Secorra, Senhor Presidente! Tenha piedade do povo faminto! Tenha compaixão de milhões de crianças brasileiras!

Eu, Senhor Presidente, já me encontro no último quartel da vida. Seu um destilado. As grandes decepções me confundiram a esse copinho que me acompanhará, até ao túmulo. A nada mais aspiro. Das lutas político-partidárias, quero conservar-me distanciado. Mas a mocidade brasileira está cheia de esperanças. E é em nome dessa mocidade que eu lhe faço um grande apelo:

Salve o Brasil, Senhor Presidente.

Pirineópolis, 15 de novembro de 1958.

Jarbas JAYME

ANO

Director

NA

nes nad

Se n

urgir e

Se é

escondes

cadores,

de fiscal

recida fo

perderes

igência

ladrão o

Ma

benefici

de opor

para ti,

a repúbl

ela que

carissim

ou "po

É ju

Deus po

ço dos

nuar es

rínica?

TESI

NAS s

cas me

tensam

m a s

herético

que ex

redens

por C

redens

precis

fiog o

ness;

coope

rusia

contra

Revol

CC

mpet

ta an

tio p

quero

ção

to,

fran

do s